



GUERRA NO LESTE EUROPEU/ No dia da celebração da independência, Ucrânia lança ofensiva com drones contra bases russas, atingindo usina nuclear e terminal de petróleo. Apesar do confronto, governos trocaram centenas de prisioneiros de guerra

COMEMORAÇÃO COM ATAQUES

As comemorações pelo 34º aniversário da independência da Ucrânia foram marcadas pelo lançamento de uma série de ataques com drones contra a Rússia. A ofensiva ocorre em um momento no qual os esforços diplomáticos para acabar com o conflito parecem perder fôlego, mas não evitou as trocas de 146 prisioneiros de guerra de cada lado. Esse foi o único resultado tangível de três rodadas de negociações de paz sediadas em Istambul, entre maio e julho.

Na capital, Kiev, o presidente Volodymyr Zelensky celebrou a independência ao lado do enviado norte-americano para a Ucrânia, Keith Kellogg, a quem concedeu a medalha de Ordem de Mérito. O primeiro-ministro do Canadá, Mark Carney, também participou da cerimônia. O líder ucraniano agradeceu ao presidente da China, Xi Jinping, ao rei Charles III da Inglaterra e ao papa Leão XIV pelas mensagens enviadas por ocasião do aniversário. "Juntos, os ucranianos e nossos parceiros, nos esforçamos para empurrar a Rússia para a paz", declarou o presidente Zelensky.

O fim do conflito não parece próximo, contudo. Os esforços do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para organizar uma cúpula entre os mandatários de Rússia e Ucrânia foram paralisados na sexta-feira. Na ocasião, o ministro russo das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, descartou qualquer encontro imediato entre Putin e Zelensky, afirmando que "não há nenhuma reunião prevista". Em uma entrevista transmitida ontem, o chanceler acusou as potências ocidentais de "buscar um pretexto para impedir as negociações", e Zelensky de "teimar, impor condições e reivindicar de qualquer forma um encontro imediato" com Putin.

Impasse

A guerra, que está em curso há três anos e meio e já deixou dezenas de milhares de mortos, encontra-se, atualmente, em um impasse, embora a Rússia tenha obtido avanços recentes em uma ofensiva desgastante que inclui a tomada de duas localidades da região oriental de Donetsk no sábado. Moscou controla, agora, cerca de 20% da Ucrânia, incluindo a península da Crimeia, que anexou em 2014. Putin rejeitou repetidamente as exigências da Ucrânia e da Europa por um cessar-fogo imediato



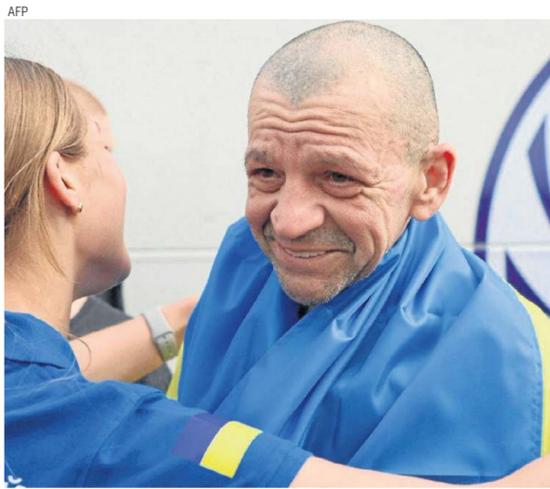
Zelensky olha para o céu enquanto aguarda a chegada do premiê canadense, Mark Carney, em frente ao Palácio Mariynsky, em Kiev

e incondicional.

Apesar do impasse, os dois países anunciaram a troca de prisioneiros de guerra, uma das poucas áreas de cooperação desde o início da ofensiva russa em 2022. Em uma mensagem em seu canal do Telegram, o Ministério da Defesa russo confirmou que "146 militares foram devolvidos do território controlado" por Kiev na Ucrânia, e, "em troca, 146 prisioneiros de guerra das Forças Armadas da Ucrânia foram transferidos" para seu país. Moscou acrescentou que o governo ucraniano devolveu oito cidadãos residentes na região de Kursk (oeste), que haviam sido "detidos ilegalmente".

Incêndios

Na ofensiva de ontem, a Ucrânia provocou um incêndio na usina nuclear de Kursk, ao lançar drones. "É assim que a Ucrânia ataca quando seus apelos pela paz são ignorados", afirmou Zelensky, ilustrando o impasse nas negociações. Os responsáveis pelas instalações disseram que não houve vítimas nem foram registrados níveis anormais de radiação, e que o incêndio foi extin-



Um dos 146 ucranianos libertados na troca de presos é acolhido

to. Por sua vez, as autoridades russas declararam que haviam abatido outros drones ucranianos longe da frente de batalha.

Na costa do Mar Báltico, 10 veículos aéreos não-tripulados foram interceptados no porto de Ust-Luga, perto de São Petersburgo,

o que provocou um incêndio em um terminal de petróleo do grupo russo Novatec. Os serviços de segurança ucranianos e as forças especiais do país reivindicaram o ataque, assegurando ter atingido o complexo do "maior produtor de gás liquefeito da Rússia".

Vance diz que Moscou faz "concessões significativas"

Apesar da recusa do primeiro-ministro russo, Vladimir Putin, de se encontrar com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, o vice norte-americano, JD Vance, negou que Moscou esteja impedindo um acordo de paz. Segundo ele, a Rússia fez "concessões significativas" ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre suas exigências para encerrar a guerra.

"Acho que os russos fizeram concessões significativas ao presidente Trump pela primeira vez em três anos e meio deste conflito", declarou Vance no programa de entrevistas exibido aos domingos na NBC Meet the Press with Kristen Welker. "Na verdade, eles têm estado dispostos a ser flexíveis em algumas de suas demandas centrais", disse.

Em um momento no qual os esforços diplomáticos para acabar com o conflito parecem estagnados, Vance afirmou que a Rússia "está analisando o que seria necessário" para colocar fim à guerra. "Com certeza, eles ainda não conseguiram isso completamente, e a guerra não terminou, mas estamos participando de um processo diplomático de boa-fé", declarou o vice-presidente.

Contundente

O dirigente afirmou, ainda, que os Estados Unidos, cujo mandatário conseguiu uma aproximação com Vladimir Putin, tentam "aplicar uma diplomacia muito agressiva e contundente". "A guerra não beneficia ninguém. Nem a Europa, nem os Estados Unidos, e não acreditamos que a Rússia ou a Ucrânia tenham qualquer interesse em seguir combatendo", concluiu.

Apesar dos esforços de mediação iniciados pelo presidente americano — incluindo a cúpula de Anchorage com Putin e o encontro na Casa Branca com Zelensky e seus aliados europeus há uma semana —, as posições de Moscou e Kiev parecem irreconciliáveis. Ambos se acusam mutuamente de bloquear a organização de uma cúpula entre Putin e Zelensky.

ESTADOS UNIDOS

Tropas vão desembarcar em Chicago, diz jornal

Depois de Los Angeles e Washington, Chicago entra na mira do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Segundo o jornal *The Washington Post*, o governo republicano está há semanas planejando o envio de tropas da Guarda Nacional para a terceira maior cidade norte-americana, em setembro, como parte de uma ofensiva ampliada contra o crime e a imigração.

O Departamento de Defesa dos EUA tem desenvolvido estratégias que poderiam mobilizar vários milhares de integrantes da força militar, de acordo com o jornal. O Pentágono se recusou a confirmar a informação. "Não vamos especular sobre futuras operações", disse um

funcionário, sob condição de anonimato. "O departamento é uma organização de planejamento e trabalha continuamente com outros parceiros de agências em planos para proteger ativos e funcionários federais", acrescentou.

Os relatos surgem após o recente envio de tropas da Guarda Nacional para a capital Washington DC. Segundo outro funcionário da Defesa, em breve os agentes estarão armados. Na sexta-feira, Donald Trump afirmou que Nova York poderia ser alvo de medidas semelhantes. Como Chicago, NY é liderada por democratas.

"Vamos tornar nossas cidades muito, muito seguras", disse Trump

a jornalistas na Casa Branca. "Acho que Chicago será a próxima e depois ajudaremos com Nova York."

Los Angeles

O provável desembarque de militares para Chicago seguiria um padrão semelhante à controversa operação de Trump em junho em Los Angeles, para onde ele enviou 4 mil membros da Guarda Nacional da Califórnia e 700 fuzileiros em serviço ativo apesar das objeções estaduais, segundo fontes não identificadas citadas pela CNN.

Também complementaria a ofensiva ampliada do serviço de Imigração e Controle de

Alfândegas (ICE) que mira migrantes sem documentos. O governador de Illinois, JB Pritzker, e o prefeito de Chicago, Brandon Johnson, ambos democratas, rejeitaram energicamente a ideia.

"Donald Trump e os republicanos MAGA (sigla de seu movimento Make America Great Again, ndr) estão tentando pintar seu partido como um de 'lei e ordem'", publicou Pritzker na rede social X. "Isso não poderia estar mais longe da verdade".

Pritzker disse, em declarações recolhidas pela WBEZ, que "a segurança pública está sob ataque pela administração Trump". Johnson afirmou que a cidade não recebeu nenhuma comunicação

Mandel NGAN / AFP



Trump discursa para tropas em Washington: Nova York na mira

formal por parte do governo sobre envios militares, e classificou uma potencial ação desse tipo como "descoordenada, desnecessária e

irracional". Chicago registrou 573 homicídios em 2024, segundo a polícia da cidade, 8% a menos que no ano anterior.